



## DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.

Daniela Copetti Santos<sup>1</sup>  
Luciane Carvalho Oleques<sup>2</sup>  
Juliane Oberoffer Santos da Rosa<sup>3</sup>

### Resumo

Este estudo propõe a busca pelo conhecimento na perspectiva da diversidade sexual, sexualidade e relações de gênero. Surge a partir de metodologias ativas realizadas por alunos do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Farroupilha (Campus Santa Rosa), tendo como suporte o componente curricular de Biologia ministrado e orientado pelas autoras. A metodologia utilizada surgiu da própria criatividade deles, tendo sido desenvolvida em três momentos. No primeiro momento uma revisão bibliográfica, no segundo, um questionário online preenchido por 70 pessoas convidadas e terceiro uma entrevista aberta com profissionais de saúde do município. Conclui-se que é fundamental o diálogo, rever argumentos, questionar-se sobre possíveis verdades tradicionais e inserir o contexto no cotidiano.

**Palavras-chave:** Diversidade sexual, biologia, ensino médio integrado.

### Introdução


A educação deve ser também um espaço de cidadania e de respeito aos direitos humanos, inclusive dos alunos, o que tem levado o componente curricular de Ciências Biológicas a repensar a sua metodologia em sala de aula e a discutir diferentes temas que fazem parte do mundo atual. Entre os temas sugeridos estavam: Métodos contraceptivos, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), Gravidez na Adolescência, Machismo e Feminismo, Violência contra a mulher e Gênero e suas diversidades. Dentro desse contexto os alunos de duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Farroupilha (IFFar- Campus Santa Rosa) orientados por nós, professoras da área foram separados em diferentes grupos. O objetivo do trabalho era fazer com que eles a partir da sua curiosidade, da capacidade científica, da pesquisa e do entrosamento com os seus colegas

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Biológicas com ênfase em Bioquímica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (Campus Santa Rosa), [daniela.copetti@iffarroupilha.edu.br](mailto:daniela.copetti@iffarroupilha.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Ensino de Ciências – Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, [luciane.oleques@iffarroupilha.edu.br](mailto:luciane.oleques@iffarroupilha.edu.br).

<sup>3</sup> Especialista em Língua Brasileira de Sinais- Interpretação, Tradução e Docência de LIBRAS/Universidade Tuiuti do Paraná, [juliane.rosa@iffarroupilha.edu.br](mailto:juliane.rosa@iffarroupilha.edu.br)

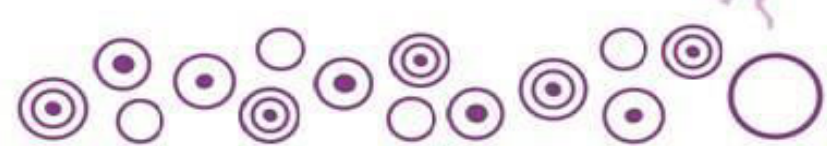





buscassem aprender, sobre esses assuntos e que estivessem ligados ao cotidiano deles, as professoras orientadoras do trabalho não queriam assuntos prontos e retirados de livros, era necessária a criatividade deles através do entrosamento de ambas as turmas, os grupos deveriam ser mistos, ou seja, deveria haver alunos tanto de uma turma quanto da outra.

O grupo responsável pelo tema proposto nesse trabalho, a partir de conversas prévias resolveram utilizar como metodologia três momentos diferentes. No primeiro momento houve uma pesquisa através de referenciais teóricos o que foi acompanhado e sugerido pelas professoras, nesse momento eles puderam conhecer a contextualização que se faz em torno de Identidade de Gênero e suas diversidades, como: Transgênero, Bigênero e Gênero duplo, Pangênero, Terceiro Gênero, Sexo Designado e diversidades sexuais. No segundo momento foi construído pelos alunos um questionário online com oito perguntas fechadas, utilizando como ferramenta os Formulários do Google. Nessa pesquisa foram convidadas 70 pessoas aleatoriamente, sendo 42 mulheres e 26 homens, 51 delas eram adolescentes entre 15 e 19 anos, 12 na faixa de 20 a 29 anos e cinco apenas com mais de 30 anos, 52 consideraram-se heterossexuais, nove bissexuais, três homossexuais, um pansexual e três não souberam responder. As respostas mais relevantes e que causaram um pouco de preocupação ao serem apresentadas ao grande grupo em sala de aula, em data previamente marcada, foi aquelas que estavam relacionadas ao ambiente em que os jovens estavam inseridos, 60% das mulheres responderam que a opção sexual delas não é influenciada pelo ambiente, diferente dos homens em que 80% deles responderam que o ambiente é um fator determinante para a escolha do seu gênero sexual. Outro fator que foi bastante discutido durante a apresentação do grupo é que 76% das pessoas entrevistadas disseram já ter sentido alguma espécie de preconceito por pessoas bastante próximas a elas. Acredita-se que a partir dessas perguntas, 60% das famílias embora sendo conservadoras respeitam a opção do entrevistado. Na tabulação desses questionários os alunos usaram o Programa Excel.

Após a análise dos questionários os alunos entraram em contato com a psicóloga do serviço público de saúde do município e fizeram algumas perguntas abertas afim de esclarecer algumas dúvidas, as quais ainda estavam latentes para eles. As perguntas basearam-se tanto na parte biológica do indivíduo quanto no ambiente em que o mesmo vive e o grande questionamento foi “se a identidade sexual tem algo a ver com os órgãos genitais, com os hormônios ou somente com os hábitos comportamentais do indivíduo, com o meio em que vive”. Além disso através das leituras feitas anteriormente algumas outras questões foram levantadas como, as clínicas para a cura da homossexualidade, a qual a psicóloga respondeu: *No Brasil, a homossexualidade foi considerada doença até 1990. Atualmente, campos de*





*concentração para torturar e “curar” pessoas LGBT podem parecer algo distante, mas ainda é uma realidade que nos assombra. As “clínicas” em que acontecem a “cura” são ilegais, mas funcionam normalmente por estarem disfarçadas de centro de tratamento para alcoólatras e viciados em drogas. Ao entrar em qualquer um dos cômodos, as mulheres encontram artefatos ou um altar para Jesus ou Maria. Mulheres são obrigadas a se maquiar todas as manhãs e também usar saia e salto alto para ser “uma mulher de verdade“. Agressões físicas, uso de água gelada, dopagem e outros tipos de tortura e violações de direitos humanos são parte do “tratamento” para “desintoxicar e curar”. As unidades são, na sua maioria, de orientação religiosa. Porém, não existe nada para ser curado, é um ser como todo ser humano independente da sua opção sexual, o que deverá ocorrer é uma organização, como por exemplo lidar com preconceitos.*

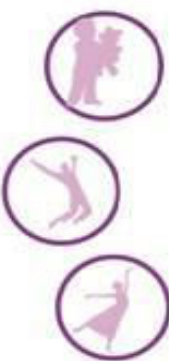
Com todos os questionários formulados, respondidos e tabulados, tanto com as pessoas convidadas quanto com a profissional da saúde e após a apresentação em sala de aula desse trabalho com a abertura de perguntas para os professores e para os colegas chega-se a conclusão de que é necessário dialogar sempre, rever alguns argumentos que possam estar associados com o Gênero e as diferentes identidades, é necessário questionar-se sobre possíveis verdades tradicionais, sempre buscando o conhecimento de pessoas especializadas no assunto. Na escola, em casa é necessário inserir o contexto no cotidiano e debater a respeito, a principal ferramenta de combate ao preconceito é a informação.

*É necessário cuidar das suas próprias vidas, e deixar os outros amarem a quem quiserem, não há nada de errado em amar, seja homem ou mulher, as pessoas devem deixar de ser ignorantes permitindo assim que as pessoas possam fazer as suas próprias escolhas (Aluno A).*

A única forma de reduzir o preconceito que ainda existe é não ficar quieto e exigir respeito, todas as formas já foram tentadas, manifestações, campanhas, nada será resolvido de um dia para o outro, esse preconceito precisa ser curado com luta, o que podemos fazer é respeitar e ensinar nossos filhos a respeitar, e com o tempo, com vários programas já realizados, os pensamentos serão modificados.

No final da apresentação, os alunos trouxeram dados de um Relatório divulgado em 2017 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), baseado em pesquisas de diferentes países e autores, os quais são de suma importância para estudarmos mais profundamente o assunto tanto fora quanto dentro da sala de aula junto aos nossos alunos. Esse relatório mostra que 33% dos estudantes do sexo masculino tinham sofrido assédio verbal relacionado a sua orientação sexual e sua identidade

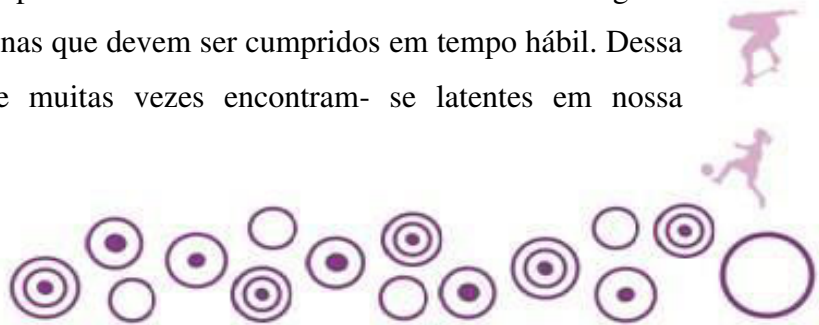





de gênero, real ou percebida, incluindo aqueles que não se identificam como homossexuais ou bissexuais (WOLFE; CHIODO, 2008) e que um estudo de 2014 na Tailândia, descobriu que 24% dos estudantes heterossexuais sofreram violência porque sua expressão de gênero foi percebida como fora das normas padrões de gênero (UNESCO, 2012). Em 2007 um estudo realizado na Argentina mostrou que 45% dos estudantes transexuais abandonaram a escola tanto em função do bullying transfóbico cometido por seus colegas quanto por serem excluídos pelas autoridades escolares (UNESCO, 2012). Existem extensas pesquisas sobre a violência homofóbica e transfóbica em ambientes educacionais na América do Norte, e todos os dados mostram que um número considerável de estudantes LGBT se sentem inseguros em escolas (STOTZER, 2010; CANADA, 2009). Por exemplo, em uma pesquisa de 2013, nos Estados Unidos, 85% dos estudantes LGBT relataram assédio verbal (KOSCIW et al., 2014). No Canadá, 55% dos estudantes transexuais que responderam ao questionário disseram que tinham sido intimidados uma ou mais vezes durante a sua vida estudantil (VEALE et al., 2015). O Brasil ocupa o primeiro lugar na quantidade de homicídios de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Simpatizantes (LGBTs) nas Américas, também ocupando o primeiro lugar no ranking mundial de países que mais matam travestis, transexuais e transgêneros, apesar da popularidade de artistas como Pablo Vittar e o sucesso de um grande número de paradas gays nos grandes centros urbanos. Enquanto a expectativa de vida do brasileiro médio é de 75 anos, a de uma pessoa trans não passa dos 35. De 2008 a 2014, 604 travestis e transexuais foram assassinados em nosso país. Esses números alarmantes levaram as Nações Unidas no Brasil a criar o projeto Trans- Formação, que busca capacitar transexuais para atuar como lideranças pelos direitos da população trans. A iniciativa tem como objetivo o de ampliar o diálogo com a sociedade, com o engajamento de várias instituições para que elas contribuam para a igualdade de pessoas trans”. Esse projeto propões fortalecer a capacidade dessas pessoas, para que elas possam conhecer e demandar seus direitos.

### **Considerações finais**

A metodologia ativa usada pelos estudantes nos mostrou em primeiro lugar o nível de curiosidade deles, em segundo a capacidade científica, através da busca do novo, do conhecimento por um tema tão relevante como esse. Tema esse que muitas vezes não é explorado nas escolas, devido ao próprio preconceito em torno do mesmo e devido a rigidez nos planos de ensino das devidas disciplinas que devem ser cumpridos em tempo hábil. Dessa forma deixamos de lado assuntos que muitas vezes encontram- se latentes em nossa





sociedade, que devem ser enfrentados no nosso cotidiano, que muitas vezes estão diante dos nossos olhos e que na maioria das vezes não damos a maior importância.

### Referencias

CANADA. Ministère de la Justice. **Quebec policy against homophobia**, 2009. Disponível em: <<http://www.justice.gouv.qc.ca/english/ministere/dossiers/homophobie/homophobie-a.htm#policy>> Acesso em: 14 abr. 2018.

KOSCIW, J. et al. **The 2013 National School Climate Survey: the experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nation's schools**. New York: Gay, Lesbian & Straight Education Network, 2014.

STOTZER, R. L. Sexual orientation-based hate crimes on campus: the impact of policy on reporting rates. **Sex. Res. Soc. Policy**, v. 7, n. 3, p. 147-154, 2010.

UNESCO. Jogo Aberto. **Respostas do setor de educação à violência com base na orientação sexual e na identidade/ expressão de gênero**. Relatório conciso. Brasil, 2017. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652POR.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

UNESCO. **Education sector responses to homophobic bullying**. Paris, 2012. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002164/216493e.pdf> Acesso em: 14 abr. 2018.

VEALE, J. et al. **Being safe, being me: results of the Canadian Trans Youth Health Survey**. Vancouver, British Columbia: The Canadian Trans Youth Health Survey Research Group, Stigma and Resilience Among Vulnerable Youth Centre, School of Nursing, University of British Columbia, 2015.

WOLFE, D. A.; CHIODO, D. **Sexual harassment and related behaviours reported among youth from grade 9 to grade 11**. CAMH Centre for Prevention Science, 2008.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

